



DEATH CAFE: UM CONVITE PARA FALAR SOBRE A MORTE EM TEMPOS DE INTERDIÇÃO

DEATH CAFE: AN INVITATION TO TALK ABOUT DEATH IN TIMES OF INTERDICTION

Marina Marchena Meira¹
Liza Fensterseifer²

RESUMO: Atualmente a morte ocupa um lugar de tabu e de interdição no ocidente, o que impede o ser humano de aceitá-la como algo inerente à vida. O presente estudo teve como objetivo a busca por evidências do papel desempenhado pelos espaços de fala e de compartilhamento de experiências que envolvem a morte, na relação que o ser humano estabelece com a morte. Para isso, foi tomado como objeto de pesquisa o *Death Cafe*, projeto que busca criar um espaço para se falar livremente sobre a morte. Para a coleta dos dados foram feitas entrevistas semiestruturadas com duas responsáveis pelo *Death Cafe* de Belo Horizonte, e com a pessoa que desenvolve a mesma proposta em uma cidade do interior de Minas Gerais. Também foram realizadas entrevistas com quatro participantes do evento. As entrevistas foram gravadas em material de áudio e transcritas na íntegra e submetidas a técnica de análise de conteúdo. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas, e as participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os principais resultados encontrados revelaram que a morte ainda é percebida como um tabu, e que a busca por um espaço para tratar e refletir sobre ela foi motivada, principalmente, por experiências das participantes com a morte. Identificou-se que falar sobre a morte modifica a forma de se relacionar com ela, com as perdas e com o luto. Isso evidencia a importância e a potencialidade de espaços com esta intenção, como promotores de saúde mental.

PALAVRAS-CHAVE: Morte; Luto; Educação para morte; *Death Cafe*.

ABSTRACT: Until nowadays talk about death is a taboo in the western world society, what makes human beings avoid the topic, although it is an inherent part of life. This is a qualitative study which has a general subject: the search for evidence that meetings to talk about death and share stories about experiences with it could improve how humans interact with death. The research object chosen was the “Death Cafe”, a project that has the purpose to promote a space for people to share experiences and talk about death freely. Semi-structured and audio recorded interviews were done in Belo Horizonte city to collect data and do full transcription for analysis. Were interviewed two organizers of the Belo Horizonte’s “Death Cafe”, one person who has a similar project in another city of Minas Gerais’ state, and four participants of the meetings. The study was approved by the Ethics & Research Committee of PUC Minas University, and all the participants signed a free and informed consent form. The main result of the research revealed that, even though death is still being treated by many people as a taboo, the participants of the “Death Cafe” meetings were motivated to look for a place they could talk about death and their personal experiences. We identified that talking about death changes the way people think and deal with mourning, showing clearly that it is very important to discuss death and this kind of meeting has the mental health promoter potential.

KEYWORDS: Death; Mourning; Death education; *Death Café*.

1 INTRODUÇÃO

A morte é uma realidade para todo ser humano e a consciência de sua finitude é uma característica que o diferencia dos animais. Kovács (1992) afirma que é justamente por isso que a relação do homem com a morte está presente desde os primórdios, através de ritos e representações que foram se modificando ao longo da história. A busca pelo deciframento da

¹ Psicóloga pela Faculdade de Psicologia da PUC Minas. marinammeira@gmail.com

² Psicóloga, Doutora em Psicologia pela PUCRS, professora da Faculdade de Psicologia da PUC Minas. liza@pucminas.br

morte aparece nos registros históricos desde os antigos Vedas, através das escrituras sagradas indianas, há três mil anos. Além disso, vale lembrar que o pensamento filosófico se desenvolveu a partir dos questionamentos sobre o sentido da morte e da vida. Maranhão (2017, p. 503) cita Heidegger, que vê o homem como um-ser-para-a-morte, e diz que: “tão logo o homem entra na vida já é velho o suficiente para morrer”. Para ele a morte não chegaria de uma hora para outra e sim pouco a pouco a cada dia. Em Platão, a filosofia seria nada mais que uma meditação da morte.

O contexto histórico e as transformações da sociedade afetaram a relação do homem com a morte e com o luto, ao longo da história. A morte já esteve mais próxima do cotidiano dos seres humanos em outros tempos, nos quais as pessoas sentiam sua aproximação, davam suas recomendações finais, participavam da cerimônia aberta à comunidade, incluindo as crianças que conviviam com o processo de morte e de morrer. As manifestações de luto eram comuns, e se esperava determinadas atitudes das pessoas enlutadas, como vestir-se de preto, rasgar as roupas e puxar os cabelos como demonstração de sofrimento e tristeza. (MARANHÃO, 2017).

Com o passar do tempo, o lugar da morte foi deslocado para o hospital, tornando-se algo impessoal, solitário e triste. Houve uma expansão dos saberes médicos científicos, que começaram a influenciar diretamente o comportamento da sociedade. Os avanços tecnológicos possibilitaram o prolongamento da vida e a morte começou a ser combatida a todo custo. Como consequência, há um envelhecimento da população e um grande número de pacientes com doenças crônicas. (KÜBLER-ROSS, 1981). Na contramão desse processo surgem questionamentos em relação ao prolongamento da vida e dos cuidados com o paciente sem possibilidade de cura. A prática dos Cuidados Paliativos surge como uma nova perspectiva de tratamento, que visa a oferta de qualidade de vida e dignidade para pacientes sem perspectivas de cura. Essa prática está na contramão do ideal da medicina curativa, que combate a morte a todo custo. A partir desses cuidados pretende-se resgatar a autonomia do paciente, respeitando seus desejos e crenças, auxiliando-o no seu processo de morrer. Como ideário paliativista, a “morte moderna” passa a ser questionada, dando lugar à defesa da “boa morte”. A comunicação honesta é essencial para que esse ideal seja alcançado, o que exige que a morte não seja mais ocultada, possibilitando um resgate da mesma (MACHADO, 2015). Neste contexto, houve um aumento no número de pesquisas envolvendo a morte e o morrer, na tentativa de resgatá-la do interdito social.

Na atualidade, vive-se o período da pós-modernidade, caracterizado pelo individualismo, consumismo e hedonismo exacerbado. A cultura é dirigida pelas imagens e grande flu-

xo de informações, as mídias e a tecnologia modificaram profundamente a vida e as formas de se relacionar, incluindo a experiência da morte e do luto. Neste contexto, a morte se manifesta como algo ameaçador, do qual é preciso de defender e proteger a qualquer custo. A sua interdição impede o sujeito de aceitá-la como algo natural, inerente à vida. A tristeza e o sofrimento também foram reprimidos, pois não são bem vistos pela sociedade, dificultando a vivência e a expressão do luto (FRIDMAN, 1999).

O luto é considerado uma reação diante de perdas significativas, em que há rompimento de vínculos. A morte está ligada diretamente ao luto e provoca uma desorganização na vida de quem fica, com consequências biopsicossociais. Na atualidade há um constrangimento social que exige um alto nível de controle das emoções diante dos acontecimentos da vida. A ciência médica apropriou-se dos saberes em torno do processo do luto e da morte. Nos dias de hoje, a medicina e os saberes “*psi*” classificam o luto como normal, patológico ou desorganizado, e prescrevem métodos de enfrentamento dessas questões (MACHADO; MENEZES, 2018).

A preocupação com a falta de manejo de questões vinculadas à morte e às perdas é maior ainda entre profissionais que lidam diretamente com a morte em seu cotidiano, mesmo sem estar preparados para isso. Essas dificuldades geram grandes problemas para os profissionais, para os pacientes e para sociedade, que tem dificuldade para reconhecer a morte como parte da vida. Segundo Kovács (2011), na década de 1970 começaram a ser desenvolvidos cursos, voltados para esta área, incluindo vivências, palestras e discussões em grupo. A autora defende a necessidade de preparar as pessoas, nos mais diversos âmbitos, para lidarem com a morte, e também tem se discutido a possibilidade de incluir a temática na formação de profissionais. Ações que favorecem o conhecimento e reflexões sobre a morte permitem o contato com as emoções e com o mundo interior de cada um, o que tende a favorecer o fortalecimento de recursos adequados para o enfrentamento de situações de perda por morte e luto (KOVÁCS, 2005). Neste sentido, a ideia de uma educação para a morte ganha força, e pode ser definida como a:

[...] abertura para sentimentos em relação ao tema e disponibilidade para ouvir a experiência de familiares, pacientes e amigos. Cursos, palestras e atividades, que permitam esta abertura, são formas de preparo, favorecendo a reflexão sobre atitudes frente à morte, no âmbito pessoal ou profissional. Também podem levar à diminuição do temor frente à morte e permitir que alunos e profissionais se sintam instrumentalizados para enfrentar situações vinculadas à morte. (KOVÁCS, 2016, p. 415)

Vê-se, então, que a educação para a morte visa a favorecer o contato dos sujeitos com a morte, de modo a naturalizá-la e fazer com que mesmo em um cenário de interdição e tabu,

a morte e os assuntos afetos a ela possam ser postos em evidência. Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo buscar evidências do papel que a existência de espaços de fala e de compartilhamento de experiências que envolvem a morte tem, na relação que o ser humano estabelece com a morte, na atualidade, através da apresentação de uma proposta de espaço para discussão sobre esta temática. De acordo com Underwood (2010), a proposta do *Death Cafe*, surgiu no Reino Unido, através da iniciativa de Jon Underwood e Sue Barsky Reid, que se inspiraram nas ideias do sociólogo suíço Bernard Crettaz. O *Death Cafe* é um espaço para discussão sobre o tema da morte, que funciona sem um roteiro predefinido, e não tem o objetivo de ser um grupo de apoio ou de aconselhamento. Ele é promovido em formato de eventos, com um convite para tomar café e falar sobre a morte. É um modelo de franquia social, sem fins lucrativos, que possibilita que outras pessoas se inscrevam para promover o evento em outras localidades a nível mundial, usando o nome do *Death Cafe*, como se fossem filiais. O grupo não tem a intenção de levar conclusões ou propor ações aos participantes, ele quer apenas aumentar a consciência das pessoas sobre a morte como condição humana, considerando que isso influencia a relação do ser humano com a própria vida (UNDERWOOD, 2019). Assim como em outros lugares do mundo, em 2015 essa proposta chegou ao Brasil, e em 2017, em Belo Horizonte, e é objeto de análise e atenção do presente estudo, como um espaço que promove a educação para a morte, ofertando a possibilidade de se falar sobre a morte com naturalidade e serenidade, oportunizando o compartilhamento de experiências.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e exploratória. Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa valoriza aspectos que não podem ser mensurados através de números, pois trabalha com significados, motivos, crenças, valores e atitudes. As pesquisas exploratórias, segundo Gil (2002), têm como principal objetivo desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, o que é feito, geralmente, através de levantamento bibliográfico e entrevistas, instrumentos metodológicos que foram utilizados nesta pesquisa.

Para alcançar o objetivo proposto, foi tomado como objeto de análise o *Death Cafe*, que é um projeto que proporciona e institui um espaço para que se fale e converse sobre a morte. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, a partir de um roteiro, com duas das três organizadoras e coordenadoras do *Death Cafe* em Belo Horizonte, e também com a pessoa que participou de um encontro em Belo Horizonte e levou a ideia para uma cidade do interior de Minas Gerais, onde coordena os encontros. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro participantes do *Death Cafe* de Belo Horizonte. De acordo com Gil

(2011), entrevista é uma forma de interação social, onde uma parte busca coletar dados e a outra fornece informações, motivo pelo qual foi escolhida aqui como método para a coleta dos dados.

As entrevistas semiestruturadas unem perguntas abertas e fechadas, e o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre suas experiências com o tema proposto. O pesquisador deve ter um conjunto de questões definidas previamente, porém a entrevista pode ocorrer em um contexto semelhante ao de uma conversa e ao da entrevista informal. (TRIVIÑOS, 1987).

Conforme mencionado, participaram deste estudo três mulheres envolvidas com a organização do evento em Belo Horizonte e em uma cidade do interior do estado, além de quatro pessoas que participam do *Death Cafe* em Belo Horizonte. O quadro 1, que consta a seguir, sumariza algumas informações sobre as entrevistadas, assim como indica a forma pela qual cada uma será identificada ao longo da apresentação e discussão dos resultados.

Quadro 1. Características das participantes

Entrevistada	Idade	Profissão	Gênero
Organizadora 1	43	Médica	Feminino
Organizadora 2	60	Psicóloga	Feminino
Organizadora 3	53	Psicóloga	Feminino
Participante 1	29	Nutricionista	Feminino
Participante 2	22	Acadêmica de Ciências Biológicas	Feminino
Participante 3	60	Advogada	Feminino
Participante 4	49	Psicóloga	Feminino

As entrevistas aconteceram no próprio local do encontro do Café da Morte, no mês de agosto de 2019, antes e depois do evento, tendo sido gravadas em material de áudio, com a devida autorização das entrevistadas, e transcritas na íntegra, para análise posterior.

Para a análise dos dados do material recolhido nas entrevistas foi aplicada a técnica da análise de conteúdo, que segundo Campos (2004), baseia-se na busca dos sentidos e interpretação dos resultados obtidos, a partir da associação com o referencial teórico estabelecido. Bardin (1979, p. 42) destaca que esta técnica objetiva a “descrição de conteúdo das mensagens, indicadores, (quantitativos ou não), que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens”.

Em observância aos cuidados éticos exigidos nestas situações, previsto na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (BRASIL, 2013), esse projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Cató-

lica de Minas Gerais, tendo sido aprovado (CAEE 17971319.3.0000.5137). As participantes assinaram e receberam cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que contempla, em linguagem acessível, todas as informações necessárias sobre a pesquisa, os possíveis riscos e a garantia de confidencialidade dos dados pessoais de cada participante.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao material coletado com as entrevistas foi aplicada a técnica de análise de conteúdo, que identificou unidades de sentido e significado, que foram agrupadas em categorias de análise, tendo como norteadores os objetivos propostos neste estudo. As categorias de análise ficaram assim definidas: 1. Espaços de fala e de educação para a morte; 2. Vivências pessoais e profissionais envolvendo a morte; 3. A naturalização da morte e seus efeitos; 4. A busca de sentido e de significado.

4.1 Espaços de fala e de educação para a morte

Nesta primeira categoria, buscou-se descrever o funcionamento de um espaço instituído para se falar sobre a morte, destaca-se o papel de espaços de fala sobre a temática da morte. O *Death Café* é um espaço que segue o modelo de franquia social internacional, proposto por Underwood (2010), criado justamente com este objetivo: oportunizar um lugar em que as pessoas pudessem se encontrar para falar e ouvir sobre a morte, sem censuras e preconceitos. Neste sentido, a intenção da franquia é influenciar positivamente a cultura vigente sobre a morte, no ocidente, na atualidade, ajudando as pessoas a viverem melhor, a partir da consciência da finitude da vida. Em Belo Horizonte, o *Death Café* acontece através de encontros mensais, sem lugar fixo, e a divulgação é feita na página do *Death Cafebh*, no Facebook, e em outras redes sociais. A proposta envolve um convite para tomar um café e falar sobre a morte, sendo que qualquer pessoa pode participar, não sendo obrigatório que ela fale nos encontros, podendo apenas estar presente.

A entrevista conduzida com as organizadoras do *Death Café* em Belo Horizonte, revelou que mesmo antes da instituição desta proposta, uma delas já fazia discussões sobre a morte com outra colega, mas de forma errática, sem uma sistematização. A morte é um tema que estava presente na vida profissional de ambas as organizadoras, que sentiram a necessidade de falar mais abertamente sobre a temática, começando um movimento para instituir um espaço para se falar sobre a morte. A fala de uma das entrevistadas ilustra este dado:

“A gente tinha esse grupinho, que era eu e ela falando sobre morte, chamava Sobre Morte. Então a gente fazia basicamente a mesma coisa. A gente encontrava no local e batia papo sobre a morte. Tinha vezes que a gente encontrava só eu e ela, não tinha ninguém no encontro e tinha vezes, quando teve muita gente, deve ter tido umas doze pessoas” (ORGANIZADORA1).

A Organizadora 3, de modo similar, relata que lida diretamente com a morte em sua rotina profissional, o que a levou a sentir necessidade de buscar mais informações e, principalmente, de buscar maior capacitação e instrumentalização para aprimorar seu trabalho. Assim ela conheceu o *Death Cafe* em Belo Horizonte, participou de encontros e decidiu levar a proposta para sua cidade, no interior do estado.

“Quando conheci o Death Cafe, eu gostei muito da proposta. Eu moro em..., então entrei no site e me cadastrei – tem um site, porque o Death Cafe é um movimento internacional. Então entrei no site, cadastrei, fiz uma logo e comecei, fiz o convite para algumas pessoas. Algumas pessoas foram ao nosso primeiro encontro, dois anos atrás, vinte e um de outubro – vai fazer dois anos agora. Pessoas que eu não conheço, através das páginas no Facebook e no Instagram do Death Cafe, começaram a participar também” (ORGANIZADORA 3).

Estes resultados, que destacam a criação do *Death Cafe*, estão em consonância com a necessidade apontada por Kübler-Ross (1981), Kovács (2005) e Santos e Bueno (2011), de que espaços para discussão, promoção de palestras, cursos e vivências sobre o tema da morte sejam implementados e instituídos, como uma das formas de intervenção na sociedade, que ainda trata deste assunto como um tabu. Kübler-Ross (1981) e Santos e Bueno (2011) também levantaram esta necessidade, pois identificaram que a falta de preparação no âmbito pessoal reflete diretamente no âmbito profissional, repercutindo na sociedade como um todo.

4.2 Vivências pessoais e profissionais envolvendo a morte

A busca pela identificação das origens e razões para a criação de espaços para se falar sobre a morte fez emergir esta categoria de análise. As Organizadoras 1, 2 e 3 relataram nas entrevistas, que foram motivadas por sua trajetória profissional e por questões pessoais, que as colocaram diante da necessidade de buscar conhecimento e espaço para se falar sobre a morte com mais naturalidade, como fica explicitado na fala de uma delas: “...lidar, falar, desmistificar a morte é a base da minha prática. Se eu estou trabalhando com adoecimentos graves, com pessoas em fim de vida, como não falar da morte? Como não me preparar para falar sobre ela?” (ORGANIZADORA 2). Santos e Bueno (2011) ressaltam que a falta de informação e preparo em profissionais que lidam com a morte podem gerar sentimentos de desamparo, temor e insegurança, confirmando a necessidade de se buscar conhecimento e espaço para tratar deste tema, conforme apresentado no relato acima.

A Organizadora 1 destaca um outro aspecto importante, quando enfatiza o papel da Medicina, que muitas vezes reforça a interdição da morte na sociedade. Os avanços desta área vão em direção ao combate da morte e do prolongamento da vida, dificultando a aceitação da mesma como algo natural e inevitável.

“É como eu falei, a medicina, ela não é uma coisa à parte, ela está dentro de uma sociedade que é resistente à questão da morte, que nega a morte. E a medicina, acho que ainda tem um extra, porque a gente tem o compromisso de lutar contra a morte. Então a morte de fato, é algo até hoje, muito tabu, e que acho que entre os médicos, no meio da saúde de modo geral, é um tabu ainda muito grande” (ORGANIZADORA 1).

Este relato vai ao encontro de postulados teóricos sobre o tema, que preconizam que grandes mudanças ocorridas na sociedade contemporânea ocidental afetaram o campo da Medicina, que considera a morte como um grande tabu. A influência da prática e do discurso médico na sociedade favoreceu que novos conceitos e significações acerca da vida, da saúde, da doença, da morte e do processo de morrer, constituindo o que se chama de medicalização social. (MENEZES, 2003). Oliveira-Cardoso e Santos (2017) afirmam que a formação dos profissionais de saúde, principalmente de Medicina e Enfermagem, valoriza mais o conhecimento técnico, que visa a cura, em detrimento do cuidado. Neste contexto, a morte é encarada como um fracasso, uma situação na qual não se pôde operar a cura, exatamente o que foi observado nas entrevistas realizadas.

Kovács (2004, 2005, 2011) aponta na mesma direção, quando afirma que há a necessidade de se preparar as pessoas para que possam lidar com a morte, que é um fato natural e inevitável da vida, ressaltando a urgência do desafio da preparação dos profissionais da saúde, que lidam diretamente com a morte em seu cotidiano. Com as mudanças advindas da contemporaneidade, como a revolução tecnológica que modificou o estilo de vida e a relações pessoais, torna-se imprescindível a ampliação do alcance da educação para a morte, com o objetivo de se promover a discussão deste tema em um cenário de interdição, na tentativa de um resgate da re-humanização da morte, no cotidiano da vida das pessoas.

Estes achados evidenciam que embora o tema da morte seja evitado e reprimido, as pessoas sentem necessidade de falar sobre ele. A falta de espaço e informação está motivando pessoas e profissionais que lidam diretamente com a morte, a construir espaços, desenvolver pesquisas e compartilhar informações sobre as questões que envolvem esta temática. Mas ainda assim, vê-se que a morte é mesmo um tabu, mas que sua naturalização tende a promover efeitos importantes e positivos nas pessoas, inclusive favorecendo a elaboração de luto por perdas vividas.

“Então a morte de fato é algo até hoje muito tabu e que acho que entre os médicos, no meio da saúde de modo geral, é um tabu ainda muito grande. Partindo disso a ideia era nesse sentido, era de trazer uma conversa franca, aberta, sem tecnicismo, sem nenhuma prerrogativa de profissão de nada, que a gente pudesse conversar livremente sobre o tema com pessoas que vão possivelmente conversar com os seus, e aí a coisa vai caminhando e quem sabe, com isso a gente mudar um pouco essa dificuldade da sociedade com o tempo (ORGANIZADORA 1).”

4.3 A naturalização da morte e seus efeitos

Com esta categoria de análise, buscou-se verificar a percepção dos envolvidos quanto aos possíveis efeitos da promoção de espaços que tratem do tema da morte, e os resultados observados revelam que todos os entrevistados, sejam participantes ou organizadoras do *Death Cafe*, apontam a morte como um tabu, e que falta espaço para se falar sobre ela. Também disseram que há censura e preconceito quando se deseja falar sobre a morte como algo natural. Segundo os relatos das entrevistadas, falar com naturalidade sobre a morte modifica a forma de se relacionar com ela, com as perdas e com o luto, além de alterar a percepção do sujeito sobre a vida. Espaços como o *Death Cafe* colaboram com a sociedade, ofertando uma oportunidade de se falar abertamente sobre a temática da morte, sem censura e julgamento, como explicita a fala de uma das entrevistadas: “...conversar sobre a morte me faz viver melhor. Desde o primeiro momento que eu vim eu me sinto diferente. Então, muda a vida” (PARTICIPANTE 1).

Estes achados podem ser discutidos à luz das ideias de Elias (2001), Freire (2005) e Machado (2015), que pontuam que na atualidade há uma exigência de controle da expressão de emoções e sentimentos, quando considerados negativos, como tristeza, angústia e ansiedade, na tentativa de normatização das experiências da vida humana. Dentre elas estão as vivências envolvendo a morte e o luto, restringindo os espaços para se falar sobre este tema. Isso fica evidenciado no trecho de uma das entrevistas:

“Eu tenho esse cuidado de só falar para quem eu sei que eu posso falar. Além do *Death Cafe* eu participo também do..... – um grupo de apoio –, onde a gente fala especificamente do suicídio, que também é uma salvação para mim, um espaço para vivenciar e para elaborar esse luto. É importante falar, como vários outros assuntos também, a morte, eu vejo como só um dos assuntos sobre os quais a gente não fala, mas que, o não falar traz muito sofrimento e adoecimento mental para muita gente (PARTICIPANTE 3).”

A partir destes resultados, observa-se o que Freud (1915/1974) afirmou em seus escritos, de que, no fundo, ninguém acredita em sua própria morte, mesmo a concebendo como algo natural, como parte da vida. Falar sobre a morte do outro remete à condição de finitude, própria do ser humano, o que vai contra aos ideais da pós-modernidade e do capitalismo. Se-

gundo Ariès (2012/1974), a partir do século XX emergiu uma nova forma de morrer, na qual o indivíduo é removido do seu espaço de convívio e levado para instituições especializadas em tratamento de doenças e prolongamento da vida, evitando, assim, a morte e qualquer contato com ela. A entrada da racionalidade científica fez com que a morte se tornasse uma ameaça para o bem estar subjetivo dos sujeitos. Desse modo, a morte passou a ficar escondida, camuflada, período que Ariès (2012/1974) chama de “Morte Invertida”. A fala de uma das participantes deste estudo converge com estes postulados, na medida em que aborda a ideia de que falar de morte convoca a cada um a pensar em sua própria morte, o que tem sido evitado na atualidade.

Falar da morte ajuda com certeza. Para mim a morte, mesmo eu na minha idade, tendo perdido várias pessoas, de ter visto várias pessoas morrerem é difícil. A morte da minha irmã me foi mais impactante, e aí pensar na morte dela eu tenho que pensar na minha (PARTICIPANTE 3)."

Por ser este assunto evitado e censurado, dificulta a expressão do luto na atualidade onde há uma busca incessante pela juventude, consumo e gozo sem limites e exaltação da expressão da felicidade. O envelhecimento, a tristeza, a morte e o luto são rejeitados pela sociedade. Sem espaço para se manifestar, o enlutado pode ter um sentimento de inadequação e acabar se afastando do convívio social, intensificando ainda mais seu sofrimento, dificultando a elaboração necessária da perda e de seus desdobramentos (FREIRE, 2005). Para Ariès (2012/1974), no século XX, evitar falar sobre a morte é uma forma de proteger a vida. Portanto, a melhor opção para lidar com a morte de algum ente querido seria fingir que ela não aconteceu. Neste contexto, a negação da morte seria uma tentativa de evitar entrar em contato com as experiências que causam sofrimento, favorecendo a injeção de fantasias ilusórias sobre imortalidade, como forma de controlar o medo da morte. (KOVÁCS, 2004).

Na mesma direção está o relato de uma das participantes do *Death Cafe*, que revela sua necessidade de encontrar um espaço para expressão de seu luto: “eu tenho muita vontade de falar sobre isso, até como uma forma de lidar com meu luto e aprender a conviver com a morte e eu sei que as pessoas são completamente fechadas para isso” (PARTICIPANTE 2). A experiência do luto, segundo Freud (1917/1994), é um processo intenso e complexo, e seu enfrentamento exige um trabalho penoso, cheio de desprazer. Quando os efeitos provocados por esta perda não são assimilados, podem acarretar processos patológicos. Diante disso, o acolhimento e o suporte ao enlutado se fazem necessários e extremamente importantes. (BOWLBY, 1982/1997). Algumas pesquisas apresentam indicadores que correlacionam doenças como câncer, cardiopatias e uso abusivo de álcool, ao luto patológico, este luto que não

foi possível de ser elaborado, provocando o adoecimento do sujeito. (ALVES, 2014). Neste contexto, o *Death Cafe* revela-se como um grande aliado no enfrentamento do tabu da morte na atualidade, pois favorece sua desmistificação, possibilita a construção de novas significações e formas de se relacionar com a morte e, conseqüentemente, com a vida, oferecendo aos indivíduos um espaço para a fala e para a expressão do luto. Desse modo, o *Death Cafe* configura-se como um instrumento de educação para a morte e de promoção e potencialização da saúde mental dos sujeitos.

4.4 A busca de sentido e significado

A quarta e última categoria de análise buscou identificar as principais motivações e sentimentos para a participação em espaços que promovem a discussão sobre a morte. Todas as entrevistadas relataram alguma experiência direta com a morte, seja no campo profissional ou pessoal, como principal motivação para participar do *Death Cafe*, dado que apareceu também como resultado, na identificação das motivações para organizar um evento como este. A dificuldade de falar sobre o tema em seu meio de convívio foi o que mais motivou as participantes a buscar espaços em que pudessem falar e tratar da morte como algo natural e inexorável, como algo que faz parte da vida. As falas de algumas das participantes explicita este resultado:

“Na verdade, o principal motivo de eu ter vindo aqui, desde que eu perdi meu primo, que suicidou o ano passado, eu me sinto muito mais próxima da morte, e eu quero conversar sobre isso” (PARTICIPANTE 2).

“E o vir aqui, justamente, me informar mais, é trazer mais conhecimento e cada vez mais, vamos dizer, mais naturalidade para esse tema, para eu poder passar isso para outras pessoas” (PARTICIPANTE 4).

Estes relatos também confirmam as ideias de autores como Freud (1915/1974), Kubler-Ross (1981) e Elias (2001), que afirmam que a morte do outro coloca o ser humano diante de sua própria morte, trazendo à tona angústia e seus conflitos pessoais. Este encontro com a morte geralmente mobiliza suas emoções e sentimentos, o que irá exigir um trabalho psíquico para serem elaborados e assimilados. E como foi dito anteriormente, na atualidade há uma exigência de controle das emoções e da expressão de sentimentos negativos e que remetem à tristeza, principalmente no âmbito público, favorecendo o isolamento dos indivíduos. (MARANHÃO, 2017). Daí a importância de espaços como o *Death Café*, que promovem a divulgação de informações e reflexões sobre a morte, oportunizando o contato das pessoas com suas emoções e o fortalecimento dos recursos necessários ao adequado e sadio enfrenta-

mento de situações que envolvem a morte e o luto. (KOVÁCS, 2016). De certa forma, parece ser possível afirmar que falar sobre a morte possibilita a inscrição de um sentido e de um significado para ela, viabilizando a ressignificação de vivências dolorosas e traumáticas, envolvendo a morte de pessoas próximas e queridas.

Em face à finalização da apresentação e análise dos resultados obtidos com as entrevistas realizadas, pode-se afirmar que a morte na atualidade ainda é vista como um tabu, o que traz consequências e desdobramentos que podem ser prejudiciais à vida dos sujeitos. Experiências vinculadas à morte mobilizam significativamente as pessoas, que sentem necessidade de falar sobre esta questão, porém não encontram espaço para isso, sem censuras e com naturalidade. Alguns profissionais que lidam diretamente com a morte têm buscado informações e capacitação sobre este tema, através da criação de espaços de discussões e reflexões em torno das questões da morte. O falar sobre a morte como algo natural da vida, sem julgamentos, com expressão aberta de sentimentos e emoções, possibilita o desenvolvimento de uma nova relação com a vida e com a morte, e também auxilia no enfrentamento do luto, prevenindo suas complicações. Daí a importância inequívoca do *Death Cafe* e de propostas afins, em tempos de interdição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo buscar evidências do papel desempenhado por espaços de fala e de compartilhamento de experiências que envolvem a morte, na relação que o ser humano estabelece com a mesma, na atualidade. Partindo do pressuposto de que a morte, mesmo sendo algo natural e inevitável, é um tabu na sociedade contemporânea, foi tomado como objeto de estudo o *Death Cafe*, um evento que promove espaço para se falar sobre a morte, sem o caráter de um grupo de ajuda.

A reflexão sobre a morte é algo que acompanha o homem desde os primórdios, e foi uma questão central que norteou o desenvolvimento do pensamento filosófico. Ao longo da história, a sociedade passou por profundas transformações que afetaram também a relação do homem com a morte e a vivência do luto. Os avanços da medicina e da tecnologia trouxeram novas configurações e modificações aos conceitos de vida, morte e saúde, o que influencia na forma com que os sujeitos encaram e se relacionam com a morte e com o luto. A morte passou a ser combatida, silenciada e evitada, enquanto se busca prolongar a vida, a juventude e a beleza. Neste contexto não há espaço para se falar sobre a morte, viver o luto e compartilhar tristezas e sofrimentos, o que não acontece sem consequências. A educação para a morte apre-

senta-se como uma proposta para resgatar a morte deste lugar de interdição, e aproximá-la da vida das pessoas, aumentando o nível de informações sobre o tema, incluindo este tema na formação dos profissionais das mais diversas áreas e, também, promovendo espaços para discussão e reflexão sobre a morte. Assim como os seres humanos são educados quanto a uma série de temáticas, acredita-se que também o deveriam ser em relação à morte e à sua vivência.

Os principais resultados alcançados evidenciam que o *Death Cafe*, em Belo Horizonte, teve início por motivações advindas de vivências da trajetória profissional e pessoal das organizadoras, que tinham, elas próprias, necessidade e desejo de falar mais sobre a morte e de buscar mais conhecimento sobre o tema. As entrevistadas lidam diretamente com a morte em seu trabalho, e sentiram necessidade de buscar conhecimento e informação para subsidiar sua prática profissional, o que denuncia, dentre outras coisas, a deficiência dos cursos de formação, que não preparam adequadamente os profissionais para o trabalho no contexto da morte. Esta falta de preparo pode levar a um desgaste e até a um adoecimento destes profissionais.

Além disso, observou-se que todas as entrevistadas percebem a morte como um tabu na sociedade e sentem falta de espaço para se falar sobre o tema, de modo a naturalizá-la, o que gera efeitos positivos, inclusive, na elaboração do luto. Em seus relatos também ficaram evidenciados a censura e o preconceito que percebem em seus círculos de relações, quando tentam se manifestar sobre o tema. Segundo elas, falar sobre a morte de forma natural modifica a forma de se relacionar com ela, com as perdas e com o luto, além de alterar a percepção sobre a vida. Falar sobre a morte explicita a condição de finitude do ser humano, algo evitado a todo custo na atualidade, o que acaba acarretando o aumento do sentimento de angústia associado à morte. A dificuldade de expressar sentimentos e emoções é agravada com a falta de espaço e de acolhimento para determinados temas, tal como tudo o que envolve a morte, fortalecendo cada vez mais o tabu em volta dela. Colocar em palavras as angústias e temores pode ajudar o sujeito a elaborar suas questões e construir um novo saber a respeito de algo, o que reforça a importância da criação de espaços como o *Death Cafe* e, também, a ampliação do escopo da ideia de uma educação para morte.

Os resultados evidenciaram, igualmente, que uma experiência direta com a morte no âmbito pessoal ou profissional e a falta de espaço para falar sobre o tema foram as principais motivações para que elas buscassem espaços como o *Death Cafe*. O encontro com a morte, das mais variadas formas, evoca emoções e sentimentos que, quando não encontram espaço para manifestação, podem gerar diversos adoecimentos, isolamento social e enfraquecimento de vínculos. Desse modo, pode-se compreender que propostas como as do *Death Cafe* confi-

guram-se como espaços de potencialização e de promoção de saúde mental, o que é um achado de extrema relevância deste estudo.

Feitos estes apontamentos, que destacam os resultados alcançados neste estudo, cumpre apontar, também, algumas limitações encontradas ao longo da execução desta pesquisa e que, em alguma medida, apontam para novos estudos sobre a temática, que podem se propor a explorar aspectos que parecem relevantes, mas que não puderam ser contemplados aqui. Um destes pontos envolve a predominância das mulheres não apenas como participantes deste estudo, mas como atuantes no *Death Cafe*. Por que motivos as mulheres parecem mais dispostas a tratar e falar sobre a questão da morte? Outras variáveis que não foram contempladas e que podem impactar os achados observados neste estudo são as vinculadas à idade e fase do ciclo vital vivida pelos participantes, experiências pessoais com a morte, crenças em alguma religião e, até, nível de escolaridade. Reitera-se, então, a sugestão de que novos estudos enviem esforços na investigação destes e de outros aspectos não alcançados aqui.

Por fim, vale salientar que mesmo a morte sendo um tabu, tem se observado um movimento, ainda tímido, de fomento a espaços para discussão sobre a morte e sobre temáticas afins. O próprio *Death Cafe* é uma “prova” de que espaços têm sido criados para promover a reflexão sobre a morte. No cinema infantil internacional este tema têm aparecido, em filmes como *Festa no céu* e *a Vida é uma festa*. Em Belo Horizonte, além dos cafés, também há o *Jantar da Morte*, organizado por uma psicóloga, e que têm ganhado cada vez mais adeptos, como pode ser visto em postagens em redes. Além disso, a morte e questões atreladas a ela têm sido alvo de interesse crescente entre pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, tais como Direito, Medicina e Psicologia. Isto denota que tem havido busca de expansão das discussões e dos estudos sobre o tema, sob diferentes perspectivas.

Diante dos resultados alcançados no presente estudo, identificou-se que este tema, embora existam evidências de um interesse crescente em relação a ele, ainda carece de muitas pesquisas e de espaços para discussão e reflexão, apontando para a necessidade de promoção da educação para a morte em todos os níveis da sociedade, com a participação de psicólogos. Não há dúvidas de que a Psicologia tem muito a contribuir nesta área, levando em consideração que seu objeto de estudo é o ser humano, em suas variadas concepções e em toda a sua subjetividade. O psicólogo está qualificado e instrumentalizado para oferecer uma escuta especializada, sem julgamento de valor, que permite a compreensão do conteúdo que está para além do enunciado, favorecendo intervenções mais assertivas. A oferta da escuta feita pelo psicólogo pode auxiliar o sujeito a dar um novo sentido ao seu sofrimento, através do manejo adequado e acolhimento da demanda em questão. Mas para isso, vale destacar que nem sem-

pre a formação acadêmica fornece instrumentos suficientes para o trabalho com a morte e, por isso, mais do que nunca, torna-se imprescindível o preparo e a capacitação do profissional que se propõe a este trabalho. Sendo o tema da morte uma construção histórica cultural e social, o profissional tem que estar preparado para que sua relação pessoal e individual com a morte não ultrapassem as questões que se apresentarem no âmbito profissional. Estando atento a isso, com disposição interna para, ele próprio, se a ver com seus sentimentos e crenças sobre a morte, a mediação de um espaço que visa à naturalização e à educação para a morte, feita por um interlocutor qualificado como o psicólogo, pode potencializar os efeitos da proposta.

REFERÊNCIAS

ALVES, Tânia Maria. **Formação de indicadores para a psicopatologia do luto**. 2014. 108 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-24022015-112852/pt-br.php>>. Acessado em 20 jun. 2019.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Original publicado em 1974).

BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Original publicado em 1982).

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**, nº 12, Brasília, 13 jun. 2013. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf> Acesso em 18 junho 2019.

BOUSSO, Regina Szyt. A complexidade e a simplicidade da experiência do luto. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. VII-VIII, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002011000300001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 de junho 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002011000300001>.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-612, set/out. 2004.

ELIAS, Nobert. **A Solidão dos Moribundos**. Zahar. Edição do Kindle, 2001.

FREIRE, Milena. **O som do silêncio: a angústia social que encobre o luto**. Dissertação (Mestrado em Cultura e representações). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. Disponível em <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/13762/1/MilenaC.pdf>. Acesso em 12 de junho 2019.

FREUD, Sigmund. **Reflexões para os tempos de guerra e morte**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Original publicado em 1915).

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1994. (Obra Original publicada em 1917).

FRIDMAN, Luís Carlos. Pós-modernidade: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 353-375, Oct.1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459701999000300007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 Junho de 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

KOVÁCS, Maria Julia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, Maria Julia. **Educação para a morte**: desafio na formação dos profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

KOVÁCS, Maria Julia. Educação para a morte. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300012. Acesso em: 10 junho 2019.

KOVÁCS, Maria Julia. Curso Psicologia da Morte: Educação para a morte em ação. **Boletim da Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 36, n. 91, p. 400-417, jul. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2016000200010. Acesso em: 10 junho 2019.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

MACHADO, Renata Moraes. Patologização do luto: a apropriação do sofrimento pela ciência. In: **XI Reunión de Antropología del Mercosur**, Montevideo, 2015. Disponível em http://xiram.com.uy/ponencias/GT86/Renata%20de%20Moraes%20Machado_%20Patologiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20luto%20a%20apropria%C3%A7%C3%A3o%20do%20sofrimento%20pela%20ci%C3%A7ncia.pdf Acesso em: 30 de maio de 2019 .

MACHADO, Renata Moraes; MENEZES, Rachel Aisengart. Gestão Emocional do Luto na Contemporaneidade. **Revista Ciências da Sociedade**, v. 2, p. 65-94, 2018. Disponível em <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistacienciasdasociedade/article/view/622/378> Acesso em: 30 de maio de 2019.

MARANHÃO, José Luiz Souza de. **O que é morte**. Coleção Primeiros Passos. Brasiliense. Edição do Kindle, 2017.

MEIRELES, Cecília. **Cânticos**. 4. ed. São Paulo: Global, 2015.

MENEZES, Rachel Aisengart. Tecnologia e "Morte Natural": o morrer na contemporaneidade. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 367-385, dez. 2003.

Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373312003000200008&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 04 junho 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p.22-23.

NEGRINI, Michele; ORTIZ, Marlon Trindade. O espetáculo da morte: o caso Michael Jackson no Jornal Nacional. **Ecos Revista**, Caxias do Sul, v. 14, p. 5-20, 2010. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1391-1.pdf> Acesso em: 04 de junho de 2019.

OLIVEIRA-CARDOSO, Érika Arantes; SANTOS, Manoel Antônio dos. Grupo de Educação para a Morte: uma Estratégia Complementar à Formação Acadêmica do Profissional de Saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 500-514, Jun 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000200500&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 de junho 2019.

PITTA, Ana Maria Fernandes. **Hospital: dor e morte como ofício**. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2003.

SANGALLI, Heryck ; MARTINUZZO, José Antônio. A Morte em Tempos de Rede Social Digital: Facebook e o fim da vida pela ótica dos usuários. **Contemporânea** (UFBA. ONLINE), v. 15, p. 727-747, 2017. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/22518> Acesso em: 04 de junho de 2019.

SANTOS, Janaina Luiza dos; BUENO, Sonia Maria Villela. Educação para a morte a docentes e discentes de enfermagem: revisão documental da literatura científica. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 272-276, Mar. 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342011000100038&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 de Junho 2019.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNDERWOOD, Jon. **Death Cafe**. Disponível em: <deathcafe.com>. Acesso em: 01 maio 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Definition of palliative care**. 2002. Disponível em: www.who.int/cancer/palliative/definition/en/>. Acesso em: 30 de abril 2019.